

ESPECIALIZAÇÃO E ESTRUTURA PRODUTIVA NA ANÁLISE REGIONAL DO ESTADO DO PARANÁ

*Specialization and productive structure in the regional analysis
of Paraná State*

DOI: 10.48075/igepec.v26i2.28307

Lucir Reinaldo Alves

ESPECIALIZAÇÃO E ESTRUTURA PRODUTIVA NA ANÁLISE REGIONAL DO ESTADO DO PARANÁ

Specialization and productive structure in the regional analysis of Paraná State

Lucir Reinaldo Alves

Resumo: Esse artigo analisa as especializações produtivas das Regiões Geográficas Intermediárias (RGInt) do Paraná entre 1985 e 2019. Utiliza-se o Quociente Locacional, medida de localização e especialização internacionalmente consolidada, para identificar as especializações e as mudanças das estruturas produtivas regionais. Os resultados ressaltaram as alterações do perfil produtivo de cada RGInt paranaense, sendo a RGInt de Curitiba a mais multiespecializada em todo o período. A RGInt Cascavel, Maringá e Londrina se destacaram na Ind. Alimentos e Ind. Têxtil, enquanto as RGInt de Guarapuava e Ponta Grossa na Ind. Madeira e do Papel, com ambas as regiões de referência utilizadas. Este trabalho se mostrou eficaz em ressaltar as especializações regionais, bem como mostrar o potencial dessa metodologia em estudos sobre processos ou políticas de desenvolvimento regional.

Palavras-Chave: Estrutura Produtiva. Desenvolvimento Regional. Disparidades Regionais. Paraná.

Abstract: *This article analyzes the productive specializations of the Intermediate Geographic Regions (RGInt) of Paraná State from 1985 to 2019. We use the Location Quotient, the measure of location and internationally consolidated specialization, to identify specializations and changes in regional production structures. The results highlighted changes in the productive profile of each RGInt from Paraná State, with the RGInt from Curitiba being the most multi-specialized in the entire period. The RGInt Cascavel, Maringá and Londrina stood out in the Food and Textile industries, while the RGInt of Guarapuava and Ponta Grossa in the Wood and Paper industries, with both reference regions used. This article proved to be effective in highlighting regional specializations, as well as showing the potential of this methodology in studies on regional development processes or policies.*

Keywords: *Productive Structure. Regional Development. Regional Disparities. Paraná State.*

Resumen *En este artículo se analizan las especializaciones productivas de las Regiones Geográficas Intermedias (RGInt) del Estado de Paraná entre 1985 y 2019. El Cociente de Ubicación, una medida de ubicación y especialización consolidada internacionalmente, se utiliza para identificar especializaciones y cambios en las estructuras de producción regionales. Los resultados destacaron los cambios en el perfil produtivo de cada RGInt en el Estado de Paraná, siendo el RGInt de Curitiba el más multiespecializado de todo el período. En la Industria de Alimentos y Textil se destacaron las RGInt Cascavel, Maringá y Londrina, mientras que las RGInt de Guarapuava y Ponta Grossa en la Industria de la Madera y el Papel, con ambas regiones de referencia utilizadas. Este trabajo demostró ser efectivo para resaltar las especializaciones regionales, así como mostrar el potencial de esta metodología en estudios sobre procesos o políticas de desarrollo regional.*

Palabras clave: *Estructura productiva. Desarrollo regional. Disparidades Regionales. Estado de Paraná.*

INTRODUÇÃO

Todas as regiões são geográfica, histórica e economicamente constituídas; constituem partes de um mesmo território e são compreendidas como espaços que possuem organizações diferenciadas entre si, que se refletem diretamente nas suas estruturas de produção. Estas estruturas de produção se alteram no decorrer do tempo, a partir do uso elementos naturais e da existência de relações socioeconômicas de cada região (FERRERA DE LIMA, ALVES e SKOWRONSKI, 2006).

No estado do Paraná as suas regiões foram ocupadas economicamente em períodos distintos, sendo que a segunda metade do século XX marcou diferentes períodos de grande transformação socioeconômica e da incorporação de todas as suas regiões à economia paranaense e brasileira. Pode-se ressaltar alguns momentos mais importantes nesse período como, por exemplo, a década de 1970. Houve tecnificação e mecanização do campo, bem como o dinamismo e diversificação do parque industrial paranaense. Nos anos 1980 uma diminuição do ritmo de crescimento e de diversificação do aparelho produtivo estadual foi verificada, acompanhando a economia nacional na chamada década perdida. Mesmo assim, assistiu-se os impactos da expansão da fronteira agrícola, a formação da rede de cidades e as transformações na economia urbana decorrentes das mudanças influenciadas pela modernização do espaço rural em suas diferentes regiões. Porém, nos anos 1990, com a estabilização da economia e maior abertura comercial nacional, o Paraná apresentou melhora no crescimento de sua economia com taxas superiores a economia brasileira (LOURENÇO, 2005; IPEA, 1999; GONÇALVES JR. *et al.*, 2010).

Ainda na década de 1990, se consolidaram as cidades polo, a hierarquia urbana, num processo de reestruturação produtiva que fortaleceu as especificidades regionais. Nesse período, se destacaram as atividades da indústria tradicional e as atividades primárias no interior do Estado, e a indústria dinâmica e a não tradicional em áreas mais específicas do território paranaense, como a Região Metropolitana de Curitiba, de Ponta Grossa e Londrina (GONÇALVES JR *et al.*, 2010).

Como as regiões apresentam mudanças em suas estruturas produtivas ao longo do tempo, as suas especializações regionais também tendem a se alterarem, sejam para consolidar as já existentes, sejam para ressaltar novos arranjos produtivos locais e regionais. Assim, o uso de indicadores de análise regional contribui nesse processo de identificação do padrão de especialização regional, mas como são medidas relativas, elas são diretamente influenciadas pela escolha das regiões de referência e da variável base utilizadas. Assim, esse artigo objetiva analisar as especializações das Regiões Geográficas Intermediárias (RGInt) do Paraná entre 1985 e 2019. Com esse estudo será possível aplicar indicadores de análise regional e verificar os resultados com diferentes usos de regiões de referência. Espera-se que este trabalho seja utilizado, não somente da sua aplicação metodológica, mas dos cuidados necessários para uma boa aplicação e bons resultados, para futuros usos em processos de desenvolvimento de políticas de desenvolvimento e de planejamento regionais.

2 - ESPECIALIZAÇÃO, ESTRUTURA PRODUTIVA E DESENVOLVIMENTO

A estrutura produtiva de uma região (município, região, ou qualquer área geográfica) representa o resultado de suas escolhas produtivas ao longo do tempo. A importância em se analisar as estruturas produtivas é de que elas determinam o sistema local de produção e explicam: a trajetória de desenvolvimento; a capacidade industrial, marcas, de mobilização e distribuição de renda e empregos; o uso eficiente e criativo dos recursos e fatores de produção locais (tangíveis e intangíveis); de gerar

desenvolvimento local e atrair atividades econômicas e, com isso, influenciar positivamente o processo de desenvolvimento regional; e melhorar a qualidade de vida de sua população.

Para Alves (2012) o ponto de partida para a análise do desenvolvimento regional é conhecer a sua estrutura produtiva, identificar as suas especializações, pois são as especializações que dinamizam a renda, o emprego e têm o potencial de gerar desenvolvimento e qualidade de vida. Descobrir quais são estas atividades de especialização regional é mostrar quais áreas ou setores atendem, não somente a demanda interna, mas principalmente as demandas externas e movimentam – a partir de relações de encadeamento - e dinamizam outras atividades produtivas do entorno.

Aqui a ideia de desenvolvimento é aquela que tenha capacidade, não somente de melhorar os níveis de vida de sua população, mas também de tornar a região mais competitiva e inovadora, mantendo o seu dinamismo/crescimento ao longo do tempo. Assim, os resultados serão refletidos na sua capacidade de produção e, conseqüentemente, na estrutura produtiva, consolidando atividades econômicas já existentes na região ou diversificando-as, utilizando da demanda local ou da externa, refletindo, então, a intensidade de suas conexões com as outras regiões.

Para Capello (2016), o processo desencadeador do desenvolvimento, **de curto prazo**, pode vir de uma demanda local por bens e serviços produzidos localmente, a partir de efeitos multiplicadores keynesianos sobre a renda. Entretanto, **no longo prazo**, há um limite onde a demanda local não consegue mais absorver um aumento de produção e se faz necessário nas vantagens absolutas e comparativas da estrutura produtiva local, na disponibilidade de fatores de produção (trabalho, capital, empreendedorismo etc.) para ‘escolher’ o que será produzido localmente que seja competitivo fora da região, e isso irá determinar a capacidade produtiva e sua posição no mercado nacional/mundial, ou seja, em que a especialização irá se especializar. Ou seja, a estrutura produtiva é dinâmica no longo prazo, pois vai se adaptar à demanda externa.

Paiva (2013, p. 15) afirma que: “cada região é uma região particular e distinta. De sorte que não há “receita de bolo” simples e unívoca para o “desenvolvimento regional”. Porque não há um único regional, mas inúmeros”. Paiva (2006, p. 91) ressalta que “a diversificação é a meta e a medida do desenvolvimento”, visto que as regiões não conseguem se especializar em tudo ao mesmo tempo, mas podem se especializar em mais de uma atividade simultaneamente.

Conforme Alves (2021), as estruturas produtivas mudam ao longo do tempo. Essas mudanças podem acontecer entre os grandes setores econômicos (primário, secundário, terciário) ou intrasetorialmente (entre os subsetores/ramos de atividades que formam cada grande setor). Quando isso acontece diz-se que está havendo uma reestruturação produtiva, uma mudança, pois a sua estrutura produtiva não é a mesma em relação ao início do período sob análise.

Essas mudanças podem ocorrer, conforme detalha Polèse (1998), por três razões principais: (a) pela revolução tecnológica e pela incorporação de conhecimento e inovações nos processos produtivos, muitas vezes com terceirização de etapas de produção, inclusive, em outras regiões; (b) pelas mudanças nas produtividades dos fatores de produção, em especial do trabalho, que faz com que a região se especialize naquilo que se consegue produzir com maior produtividade/competitividade; e (c), pela influência das diferenças de taxas relativas de crescimento entre regiões, que se tornam atrativas/repulsivas de muitos investimentos, migração e atividades que possuem características próprias das localidades que são produzidos, tendo grande produtivas. Todo esse dinamismo, adicionando as características relativas à dimensão

urbana da região, sua rede de cidades e da distância, influenciam nas mudanças, no maior ou menor dinamismo de determinadas atividades no decorrer do tempo.

Claro que existem as particularidades setoriais, do porquê determinadas atividades se localizam em determinados lugares e não em outros. Os subsetores dos serviços são um exemplo. O desenvolvimento do setor de serviços está diretamente relacionado às mudanças estruturais das regiões, especialmente àquelas mais avançadas economicamente. São aspectos de produção, de consumo, de circulação, e institucionais que podem dar origem à novas formas de organização regional, se misturando com estruturas produtivas regionais já consolidadas (ALVES, 2005).

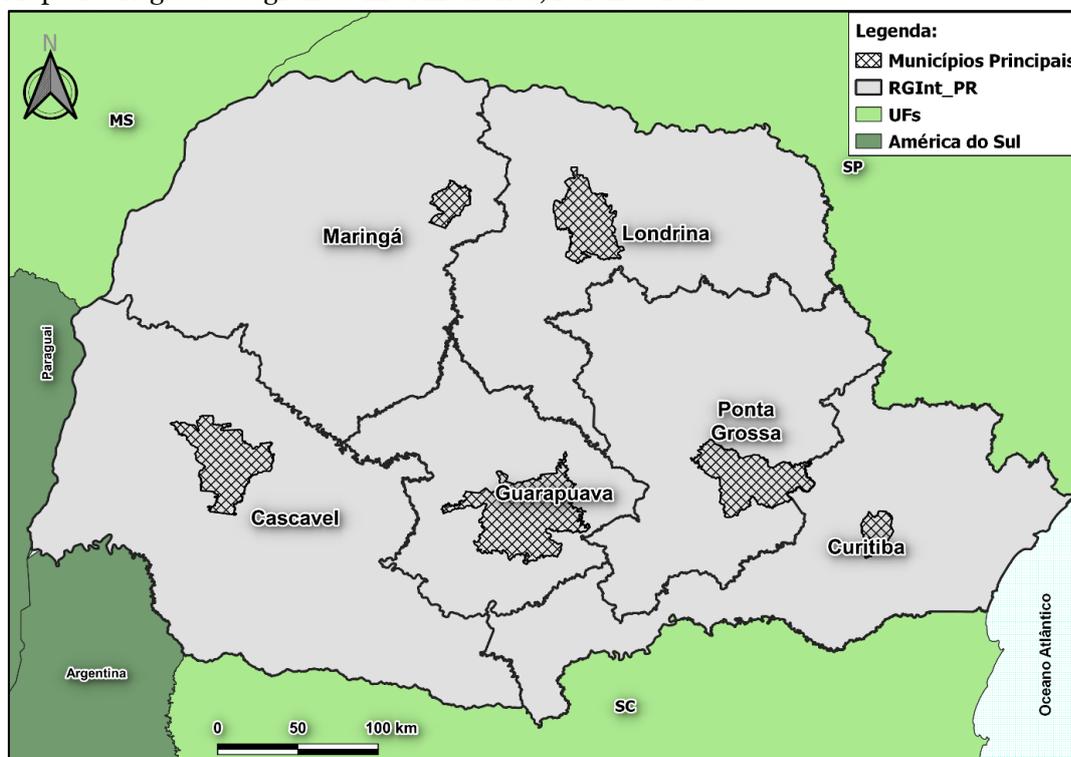
Todo esse conjunto de fatores e características regionais, aliadas às políticas nacionais, regionais e locais; às infraestruturas regionais; geram respostas da região às mudanças internas e externas, de demanda ou não, alterando o modo de produção local e o conjunto dos componentes da força de trabalho relacionadas a ela, alterando assim, as estruturas produtivas e suas especializações com o passar do tempo.

3 – METODOLOGIA

Este estudo é de abordagem quantitativa, o que possibilita o alcance de resultados com maiores margens de segurança e menores distorções de análise e interpretação (DIEHL, 2004). Também se classifica como exploratório, a partir de levantamento bibliográfico, pois busca aprofundar o conhecimento das características de um fenômeno específico; e descritivo, a partir de coleta de dados secundários, para estabelecer relações entre as variáveis (GIL, 2008).

Utiliza-se como regionalização as Regiões Geográficas Intermediárias (RGInt) do Paraná (Mapa 1). São seis RGInt no estado paranaense, sendo elas: Cascavel, Curitiba, Guarapuava, Londrina, Maringá e Ponta Grossa.

Mapa 1 – Regiões Geográficas Intermediárias, Paraná - 2020



Fonte: Adaptações do autor a partir de IBGE (2021).

Para demonstrar a dinâmica regional e as especializações regionais serão utilizados dados de emprego formal, disponibilizados pela Relação Anual de

Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), para 1985, 2000 e 2019. A análise é setorial e utiliza os 25 subsetores do IBGE (Quadro 1).

Quadro 1 – Subsetores do IBGE - 2021

Grande Setor	Subsetores IBGE
PRIMÁRIO	1. Agropecuária - Agricultura, Silvicultura, Criação de Animais, Extração Vegetal e Pesca
SECUNDÁRIO	2. Extração de Minerais 3. Indústria de Produtos Minerais não Metálicos 4. Indústria Metalúrgica 5. Indústria Mecânica 6. Indústria do Material Elétrico e de Comunicações 7. Indústria do Material de Transporte 8. Indústria da Madeira e do Mobiliário 9. Indústria do Papel, Papelão, Editorial e Gráfica 10. Indústria da Borracha, do Fumo, de Couros, Peles e Produtos Similares e Indústria Diversa 11. Indústria Química, de Prod. Farmacêuticos, Veterinários, de Perfumaria, Sabões, Velas e Mat. Plásticas 12. Indústria Têxtil, do Vestuário e Artefatos de Tecidos 13. Indústria de Calçados 14. Indústria de Produtos Alimentícios, de Bebida e Álcool Etílico 15. Serviços Industriais de Utilidade Pública 16. Construção Civil
TERCIÁRIO	17. Comércio Varejista 18. Comércio Atacadista 19. Instituições de Crédito, Seguros e de Capitalização 20. Administradoras de Imóveis, Valores Mobiliários, Serv. Técnicos Profissionais, Aux. de Atividade Eco. 21. Transporte e Comunicações 22. Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparo, Manutenção, Radiodifusão e Televisão 23. Serviços Médicos, Odontológicos e Veterinários 24. Ensino 25. Administração Pública Direta e Indireta

Fonte: IparDES (2021) a partir de RAIS (2021).

O Quociente Locacional (QL) será utilizado como medida de especialização regional, para ressaltar os setores mais importantes relativamente à região de referência, nesse caso, o Estado do Paraná. Deve-se ressaltar que, ao se estudar uma região, deve-se analisar os elementos propulsores de seu dinamismo, da sua inserção à dinâmica da economia nacional e internacional, examinando-a como parte de um todo. Dessa forma, a região de referência refletirá esse contexto, e precisa ser bem muito bem selecionada. Conforme Alves (2012) o QL é calculado da seguinte forma:

$$QL_{ij} = \frac{VA_{ij}/VA_{iT}}{VR_{Tj}/VR_{TT}}, \quad \text{ou} \quad QL_{ij} = \frac{VA_{ij}/VR_{Tj}}{VA_{iT}/VR_{TT}} \quad (1)$$

Em que: QL_{ij} é o Quociente Locacional do setor i da região j ; V é a variável escolhida para se calcular o QL; VA_{ij} é o valor da variável para o setor i da região j ; VA_{iT} é o total de todos os setores da região j ; VR_{Tj} é valor do setor i da região de referência; e, VR_{TT} é o total de todos os setores da região de referência.

Conforme inicialmente mencionado por Hoover (1936) e difundido por Isard (1960), o QL é um dos indicadores mais simples de serem utilizados nos estágios iniciais de uma pesquisa para conhecer a região de estudo. Dependendo do problema que o pesquisador quer investigar, a escolha da variável será realizada para refletir melhor o fenômeno estudado. Sempre que o $QL > 1$, indicará que este setor deve receber atenção do pesquisador. Utiliza-se o QL para se conhecer quais são os setores mais propensos a serem exportadores ou o contrário. Geralmente, quando os $QLs > 1$ estes representam ‘forças’ dentro das regiões; mas, setores com $QLs < 1$, não devem ser desprezados, pois podem ser setores complementares do setor exportador e deveriam ser incentivados a fim de minimizar, por exemplo, as suas importações.

O QL é uma das medidas mais difundidas na literatura científica que trata de especialização, economia regional etc. e o seu valor varia de zero a valores maiores de

1. O QL compara a participação de um setor i na estrutura produtiva de uma região j com a participação do mesmo setor na estrutura produtiva da região de referência. Um exemplo simples pode ajudar a entender melhor o que reflete o QL: suponha uma região de referência, o Paraná, onde em sua economia, utilizando como variável de análise o número de empregos formais, o setor têxtil represente 2,10% (denominador da equação 1) no total de empregos do Estado; e que em um determinado município, por exemplo, Terra Roxa, esse mesmo setor represente 31,1% (numerador da equação 1), o que resultaria em um QL de 15,10; então há algo nesse município que explica o fato de existir uma concentração relativa do emprego nesse setor muito acima do que existe no Paraná; mais precisamente o setor é 15,10 vezes mais importante para a estrutura produtiva de Terra Roxa do que é para a estrutura produtiva do Paraná. Nesse caso, o município possui um Arranjo Produtivo Local (APL), comprovado por diversos estudos, tais como IPARDES (2005, 2009) e Willers (2006).

Polèse (1998), Simões (2005), Delgado e Godinho (2011) também ressaltam que o QL pode ser considerado como uma medida de concentração relativa setorial. Entretanto, quando o resultado do QL for superior a 1 isso não significa necessariamente que a região j seja a principal região nesse setor, mas que ela se constitui num polo de concentração relativa desse setor, visto que o setor i possui uma representação mais que proporcional à que a região de referência detém.

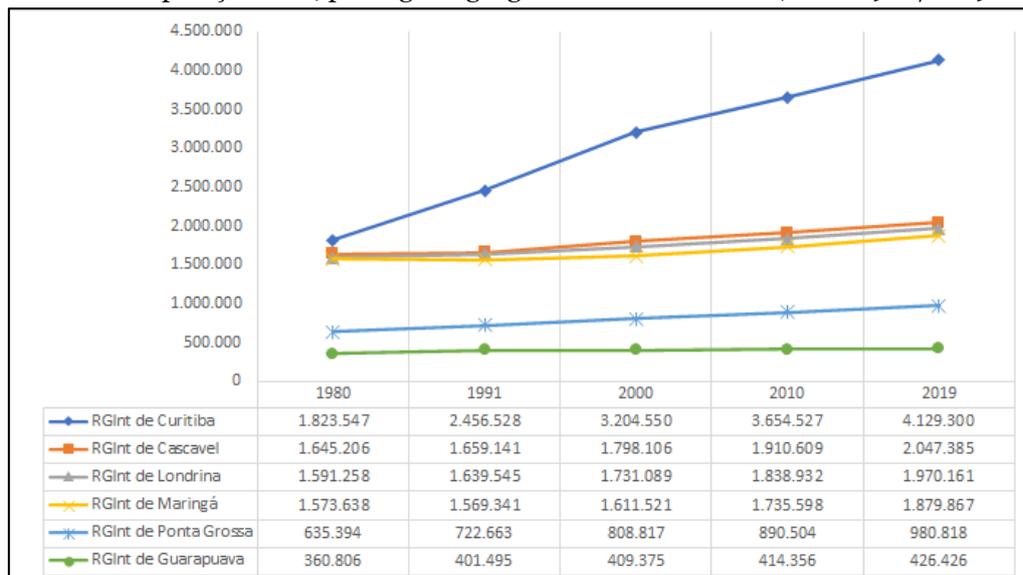
O QL é utilizado em estágios exploratórios de diferentes pesquisas, por exemplo, durante a elaboração de políticas públicas, conforme cita Blakely e Leigh (2010), quando detalham o passo-a-passo para se realizar um planejamento do desenvolvimento econômico local; ou por Paiva (2013) que mostra que o QL representa especializações regionais (*a la* Smith, Marshall ou North); ou que são as atividades propulsivas da região, aquelas destinadas à exportação regional, também detalhado por North (1977) e por Paiva e Rocha (2021); ou para identificar e caracteriza APLs, como realizado por Britto e Albuquerque (2001) e Suzigan *et al.* (2003).

No Brasil Haddad *et al.* (1989) difundiram as medidas de localização e especialização, dentre outras metodologias de análise regional. Já, no Paraná várias pesquisas podem ser destacadas que utilizaram o QL para ressaltar suas especializações regionais, tais como as de Ferrera de Lima *et al.* (2002), Ferrera de Lima *et al.* (2003), Alves L. (2005), Alves *et al.* (2006), Ferrera de Lima *et al.* (2006), Piffer e Arend (2009), Piffer, Alves e Arend (2010), Colla *et al.* (2011), Baldissera *et al.* (2019), Bechlin *et al.* (2020) e Castro *et al.* (2021).

4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisando o comportamento populacional das regiões geográficas intermediárias paranaenses, pelo Gráfico 1, percebe-se a concentração que existe na RGInt de Curitiba. Enquanto em 1980 cerca de 23,90% da população residia nessa RGInt, em 2019 essa concentração passou para 36,11%, representando um aumento de 126,44% no período, enquanto no Paraná foi de 49,86%. Somente a RGInt de Ponta Grossa apresentou valor relativo superior ao Estado no mesmo período. Com 54,36% de aumento da população e foi a única RGInt do ‘interior’ que apresentou aumento proporcional da população concentrada: de 8,33% em 1980 para 8,58% em 2019. A proximidade com a região metropolitana possivelmente contribuiu com a da sua população regional. As outras regiões também apresentaram crescimento, mas inferiores à média do Estado: RGInt de Cascavel com 24,45%, RGInt de Londrina com 23,81%, RGInt de Maringá com 19,46% e a RGInt de Guarapuava com 18,19%.

Gráfico 1 - População total, por regiões geográficas intermediárias, PR – 1980/2019



Fonte: IPARDES (2021).

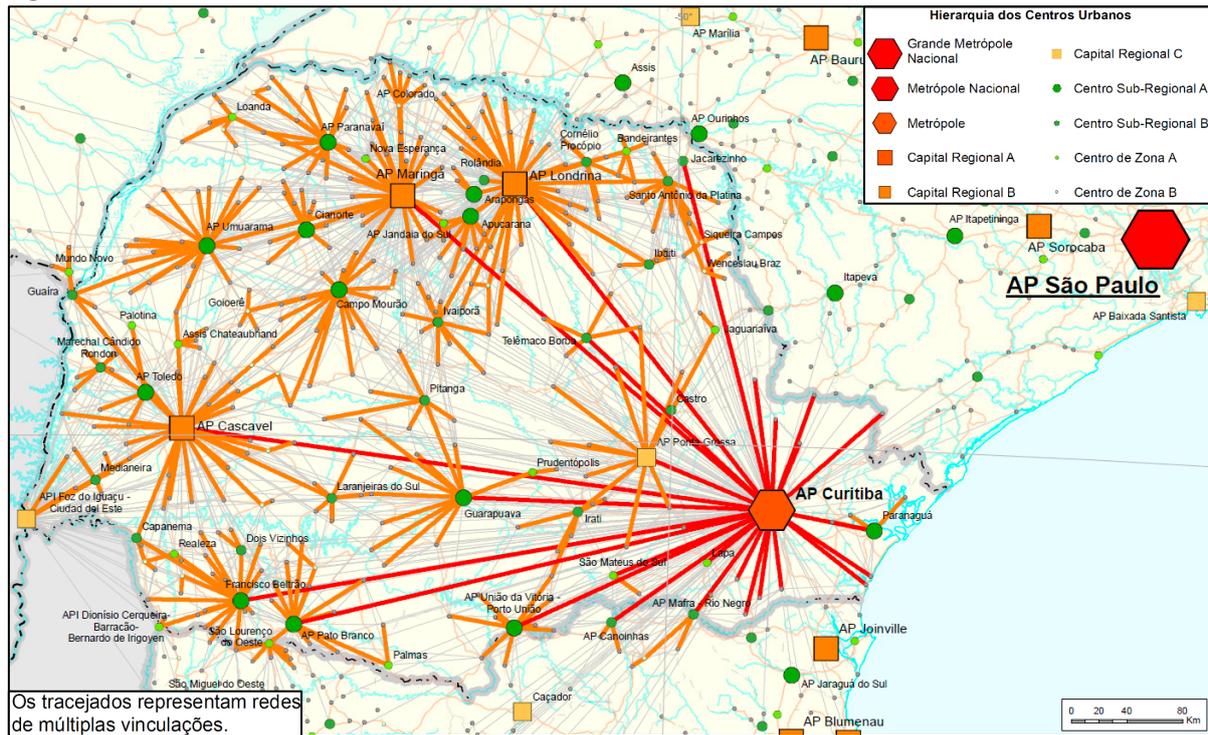
Também é possível distinguir as RGInt em relação ao dinamismo da população antes e após 2000. A RGInt de Curitiba, Ponta Grossa e Guarapuava apresentaram maiores crescimentos proporcionais da população no período anterior a 2000, enquanto nas RGInt de Cascavel, Londrina e Maringá o dinamismo foi maior após 2000.

O dinamismo da população entre as RGInt foi muito concentrado na RGInt de Curitiba entre 1980 e 2000. O Paraná apresentou um crescimento de 25,34% da população nesse período, passando de 7.629.849 para 9.563.458 residentes, ou seja, um aumento absoluto de 1.933.609. Desse montante 71,42% ficaram concentradas na RGInt de Curitiba. No segundo período essa região ainda continuou concentrando a maior parte, mas proporcionalmente menos. O Paraná como um todo apresentou um crescimento proporcional e absoluto inferior entre 2000 e 2019 (de 1.870.499, ou 19,56%), sendo que 49,44% dessa população adicional estava localizada na RGInt de Curitiba, 13,33% na RGInt de Cascavel, 12,78% na RGInt de Londrina, 14,35% na RGInt de Maringá, 9,20% na RGInt de Ponta Grossa e apenas 0,91% na RGInt de Guarapuava. O Paraná, analisado com a regionalização das RGInt, tem a RGInt de Guarapuava como a menos dinâmica em todos os períodos analisados.

A representatividade da RGInt de Curitiba em relação a população é parcialmente explicada pela posição de destaque na rede urbana paranaense (Figura 1). Conforme detalha IBGE (2020), na RGInt de Curitiba encontra-se a cidade com maior importância na rede urbana do Paraná, a capital Curitiba. É considerada uma metrópole de ampla centralidade, ou seja, concentra as principais funções de gestão do estado, considerando tanto o seu papel administrativo em atividades produtivas quanto de gestão pública, e em função da sua atratividade para prover bens e serviços, e cobre toda a extensão territorial do Paraná. Na sequência, como capitais regionais, estão as cidades de Cascavel, Londrina, Maringá e Ponta Grossa.

Esses municípios (Figura 1), possuem serviços mais diversificados e posição hierárquica superior que foi consolidada ao longo do tempo. Esse comportamento se relaciona com o que afirma Alves (2005), de que os serviços se localizam especialmente nas maiores economias dos territórios, que tendem a apresentar contextos econômicos, políticos, sociais, culturais e de infraestruturas mais favoráveis.

Figura 1 – Rede urbana do Paraná – 2018



Fonte: IBGE (2020).

Neste contexto, são analisados os dados da Tabela 1, sobre o emprego total, por subsetores do IBGE, por RGInt do Paraná entre 1985 e 2019. O Paraná apresentava 1.097.661 empregos formais em 1985, aumentando para 1.651.213 em 2000 e para 3.171.005 em 2019. Percebe-se que no primeiro período (1985 a 2000) houve um aumento de 553.552 empregos, enquanto no segundo o aumento foi mais expressivo, de 1.519.792, ou seja, o segundo período foi 2,75 vezes mais dinâmico que o primeiro. Em termos percentuais o crescimento foi de 50,43% e 92,04%, respectivamente, e de 188,89% para todo o período (de 1985 a 2019).

Do emprego gerado no primeiro período, 45,85% se concentravam na RGInt de Curitiba, seguido de 15,95% da RGInt de Maringá e de 15,55% da RGInt de Londrina. O segundo período se diferenciou na hierarquia das regiões que mais contribuíram: a RGInt de Curitiba continuou em primeiro, mas diminuiu a sua participação relativa (38,61%) e a RGInt de Cascavel assumiu a segunda colocação com 21,88% de participação, seguido da RGInt de Maringá com 16,20%. A RGInt de Guarapuava ficou na última colocação em ambos os períodos (2,82% e 2,48%, respectivamente). Setorialmente, o Paraná já era uma economia onde o setor terciário predominava desde 1985. Do emprego total, 68,66% estavam no terciário em 1985, 68,22% em 2000 e 71,55% em 2019. Este também foi o setor predominante em todas as RGInt. Uma tendência contrária ocorreu no setor industrial: no Paraná este setor representava 28,96%, diminuindo para 26,60% e depois para 25,39% nos mesmos anos, respectivamente. Essa diminuição relativa ocorreu na maioria das RGInt,

Esses municípios (Figura 1), possuem serviços mais diversificados e posição hierárquica superior que foi consolidada ao longo do tempo. Esse comportamento se relaciona com o que afirma Alves (2005), de que os serviços se localizam especialmente nas maiores economias dos territórios, que tendem a apresentar contextos econômicos, políticos, sociais, culturais e de infraestruturas mais favoráveis.

Neste contexto, são analisados os dados da Tabela 1, sobre o emprego total, por subsetores do IBGE, por RGInt do Paraná entre 1985 e 2019. O Paraná apresentava 1.097.661 empregos formais em 1985, aumentando para 1.651.213 em 2000 e para 3.171.005 em 2019. Percebe-se que no primeiro período (1985 a 2000) houve um aumento de 553.552 empregos, enquanto no segundo o aumento foi mais expressivo, de 1.519.792, ou seja, o segundo período foi 2,75 vezes mais dinâmico que o primeiro. Em termos percentuais o crescimento foi de 50,43% e 92,04%, respectivamente, e de 188,89% para todo o período (de 1985 a 2019).

Quando são analisados os subsetores que mais se destacaram na geração de empregos é possível verificar que o subsetor dos Serviços ampliou a sua participação ao longo do tempo. No Paraná como um todo esse subsetor representava 32,17% em 1985, diminuindo para 30,80% em 2000 e aumentando novamente para 34,83% em 2019. Somente na RGInt de Guarapuava este não foi o subsetor mais representativo na estrutura produtiva, tendo ficado em segundo lugar (26,60% em 2019), e o subsetor do Comércio ficou com a maior importância relativa (27,57% em 2019).

Tabela 1 - Emprego total, por subsetores do IBGE, por regiões geográficas intermediárias do Paraná – 1985/2019

Setores Produtivos	RGInt de Curitiba			RGInt de Guarapuava			RGInt de Cascavel			RGInt de Maringá			RGInt de Londrina			RGInt de Ponta Grossa			Paraná		
	1985	2000	2019	1985	2000	2019	1985	2000	2019	1985	2000	2019	1985	2000	2019	1985	2000	2019	1985	2000	2019
Agropecuária	2.568	6.360	8.961	751	3.602	6.457	3.937	10.816	24.972	8.031	27.591	20.930	9.383	27.279	20.256	1.475	9.968	15.427	26.145	85.616	97.003
Ext. Minerais	2.504	2.217	2.823	46	150	128	236	222	687	177	220	457	436	675	730	1.972	818	677	5.371	4.302	5.502
Ind. Min. ñ Met.	10.717	10.556	12.443	90	510	1.035	1.721	2.001	4.226	1.256	2.045	3.329	2.095	1.919	3.162	885	1.049	1.686	16.764	18.080	25.881
Ind. Met.	6.154	11.262	17.092	59	257	563	1.389	2.502	6.809	1.521	2.902	5.958	1.412	3.814	6.501	1.449	1.515	3.618	11.984	22.252	40.541
Ind. Mec.	9.971	13.209	25.447	82	17	257	726	2.129	7.825	449	1.725	5.408	1.231	1.432	4.767	1.312	1.163	2.746	13.771	19.675	46.450
Ind. Elét. Com.	8.782	7.962	7.873	12	39	25	122	329	2.202	64	840	2.926	668	1.604	4.486	8	756	1.182	9.656	11.530	18.694
Ind. Transporte	4.146	17.922	28.544	36	42	81	375	515	2.837	587	1.161	2.752	392	1.315	3.677	116	310	768	5.652	21.265	38.659
Ind. Madeira	28.144	21.257	16.916	4.068	5.486	3.822	12.166	11.074	9.906	3.941	5.916	8.139	5.875	10.897	14.245	6.600	13.714	12.386	60.794	68.344	65.414
Ind. Papel	8.942	12.360	14.611	1.942	2.665	2.148	773	2.046	2.963	755	1.771	2.438	1.502	2.217	3.314	6.956	5.208	11.162	20.870	26.267	36.636
Ind. Borracha	7.818	5.375	10.082	38	134	194	454	772	2.324	1.425	1.915	3.057	1.416	2.615	3.834	500	296	1.558	11.651	11.107	21.049
Ind. Química	13.931	16.345	28.301	139	421	829	401	1.686	8.365	1.035	2.018	9.270	1.913	5.662	10.458	2.754	1.331	3.099	20.173	27.463	60.322
Ind. Têxtil	3.299	5.106	6.820	32	41	676	451	7.202	15.678	3.182	17.641	22.004	7.897	15.953	18.998	1.042	1.536	1.055	15.903	47.479	65.231
Ind. Calçados	588	257	350	4	7	69	117	285	650	44	510	160	250	369	452	13	57	1.385	1.016	1.485	3.066
Ind. Alimentos	11.622	19.344	33.806	479	681	2.141	8.407	17.748	74.211	8.087	16.516	59.111	14.951	19.252	41.863	3.734	5.393	12.809	47.280	78.934	223.941
SIUP	13.596	13.338	20.173	141	77	191	1.710	1.997	3.550	53	227	528	317	582	1.395	27	284	647	15.844	16.505	26.484
Const. Civil	30.138	33.638	58.353	437	1.034	2.962	10.900	8.310	23.389	9.521	9.175	16.658	7.907	7.719	14.082	2.267	4.652	11.922	61.170	64.528	127.366
Comércio	69.837	121.643	256.747	4.503	7.016	20.931	35.249	50.182	132.646	29.375	44.081	107.852	34.802	48.440	105.847	12.215	18.644	48.909	185.981	290.006	672.932
Serviços	177.971	281.155	566.367	5.700	7.443	20.189	42.143	60.775	158.470	47.787	57.045	140.658	57.983	74.206	156.717	21.575	27.935	62.179	353.159	508.559	1.104.580
Adm. Púb.	127.578	192.816	263.203	4.007	8.539	13.213	21.683	35.044	66.496	25.795	38.094	65.949	26.198	36.734	54.668	9.216	16.589	27.725	214.477	327.816	491.254
Total	538.306	792.122	1.378.912	22.566	38.161	75.911	142.960	215.635	548.206	143.085	231.393	477.584	176.628	262.684	469.452	74.116	111.218	220.940	1.097.661	1.651.213	3.171.005

Fonte: RAIS (2021).

Quanto aos subsetores industriais, no Paraná, eram a Construção Civil e a Indústria da Madeira que apresentavam mais empregos em 1985 (61.170 e 60.794 empregos, respectivamente). A Indústria da Madeira continuou na segunda colocação em 2000, tendo como primeiro colocado o Subsetor da Indústria de Alimentos (78.934 e 68.344). Já, em 2019 o subsetor da Indústria da Madeira continuou perdendo posição, ficando em terceiro lugar, e destacando-se ainda mais a Indústria de Alimentos (223.941 empregos) e a Construção Civil (127.366). Por outro lado, quando se verifica, para cada período, o subsetor que mais agregou empregos, o cenário se altera parcialmente: entre 1985 e 2000 foi o subsetor da Ind. Alimentos quem mais contribuiu, com 31.654 novos empregos, seguido da Ind. Têxtil com 31.576 e da Ind. Transporte com 15.613; já entre 2000 e 2019 foram a Ind. Alimentos (145.007), Const. Civil (62.838) e Ind. Química (32.859). Poucos setores apresentaram redução de empregos: no primeiro período somente Ext. Minerais (-1.069) e a Ind. Borracha (-544) e no segundo período a Ind. Madeira (-2.930). Essas alterações na hierarquia dos setores com maiores participações na contribuição absoluta e relativa no setor industrial refletem uma reestruturação produtiva dentro desse setor no Paraná, o que vai ao encontro das afirmações de Alves (2021), por motivos destacados por Polèse (1998).

Como é possível perceber todas as RGInt apresentaram aumentos do emprego total no decorrer do tempo. O Paraná apresentou crescimento de 50,4% no emprego total entre 1985 e 2000, sendo que a RGInt de Guarapuava se destacou com o maior aumento relativo (69,1%), seguido da RGInt de Maringá (61,7%) e da RGInt de Cascavel (50,8%), sendo as únicas RGInt com aumentos acima da média do Estado. Por outro lado, quem apresentou o menor crescimento relativo foi a RGInt de Curitiba com 47,2%. Quando se analisa o segundo período (2000 a 2019) percebe-se que o Paraná como um todo se dinamizou mais, com 92,0% de aumento do emprego. Novamente a RGInt de Curitiba apresentou o menor crescimento relativo (74,1%) seguido da RGInt de Londrina (78,7%). As demais RGInt foram mais dinâmicas que a média do Paraná, tendo se destacado nesse período as RGInt de Cascavel (154,2%), RGInt de Maringá (106,4%) e RGInt de Guarapuava (98,9%).

O crescimento abaixo da média do Paraná das RGInt de Curitiba e Londrina foi a principal justificativa para que essas duas regiões perdessem participação relativa no emprego total paranaense: a RGInt de Curitiba concentrava 49,04% de todo o emprego em 1985, 47,97% em 2000 e 43,49% em 2019; a RGInt de Londrina apresentava 16,09%, 15,91% e 14,80% respectivamente. Quem mais ganhou participação relativa no total do emprego do estado foram: a RGInt de Cascavel (13,02%, 13,06% e 17,29%) e a RGInt de Maringá (13,04%, 14,01% e 15,06%). Percebe-se que, em ambas, foi o segundo o período que proporcionou maior dinamismo do emprego e resultou em maior aumento relativo no emprego total do Paraná.

Esses comportamentos dos diferentes subsetores do Paraná e de suas RGInt refletem mudanças que ocorreram nas suas estruturas produtivas ao longo do tempo e, conseqüentemente, nos seus setores de maior destaque, nos seus setores básicos/exportação e/ou de maior especialização regional. Nesse sentido, a Tabela 2 detalha os resultados do quociente locacional, por subsetores e por RGInt.

Tabela 2 - QLS, por subsetores do IBGE, por regiões geográficas intermediárias do Paraná – 1985/2019

Setores Produtivos	RGInt de Curitiba			RGInt de Guarapuava			RGInt de Cascavel			RGInt de Maringá			RGInt de Londrina			RGInt de Ponta Grossa		
	1985	2000	2019	1985	2000	2019	1985	2000	2019	1985	2000	2019	1985	2000	2019	1985	2000	2019
Agropecuária	0,20	0,15	0,21	1,40	1,82	2,78	1,16	0,97	1,49	2,36	2,30	1,43	2,23	2,00	1,41	0,84	1,73	2,28
Ext. Minerais	0,95	1,07	1,18	0,42	1,51	0,97	0,34	0,40	0,72	0,25	0,36	0,55	0,50	0,99	0,90	5,44	2,82	1,77
Ind. Min. não Met.	1,30	1,22	1,11	0,26	1,22	1,67	0,79	0,85	0,94	0,57	0,81	0,85	0,78	0,67	0,83	0,78	0,86	0,93
Ind. Met.	1,05	1,06	0,97	0,24	0,50	0,58	0,89	0,86	0,97	0,97	0,93	0,98	0,73	1,08	1,08	1,79	1,01	1,28
Ind. Mec.	1,48	1,40	1,26	0,29	0,04	0,23	0,40	0,83	0,97	0,25	0,63	0,77	0,56	0,46	0,69	1,41	0,88	0,85
Ind. Elét. Comum.	1,85	1,44	0,97	0,06	0,15	0,06	0,10	0,22	0,68	0,05	0,52	1,04	0,43	0,87	1,62	0,01	0,97	0,91
Ind. Transporte	1,50	1,76	1,70	0,31	0,09	0,09	0,51	0,19	0,42	0,80	0,39	0,47	0,43	0,39	0,64	0,30	0,22	0,29
Ind. Madeira	0,94	0,65	0,59	3,25	3,47	2,44	1,54	1,24	0,88	0,50	0,62	0,83	0,60	1,00	1,47	1,61	2,98	2,72
Ind. Papel	0,87	0,98	0,92	4,53	4,39	2,45	0,28	0,60	0,47	0,28	0,48	0,44	0,45	0,53	0,61	4,94	2,94	4,37
Ind. Borracha	1,37	1,01	1,10	0,16	0,52	0,39	0,30	0,53	0,64	0,94	1,23	0,96	0,76	1,48	1,23	0,64	0,40	1,06
Ind. Química	1,41	1,24	1,08	0,34	0,66	0,57	0,15	0,47	0,80	0,39	0,52	1,02	0,59	1,30	1,17	2,02	0,72	0,74
Ind. Têxtil	0,42	0,22	0,24	0,10	0,04	0,43	0,22	1,16	1,39	1,53	2,65	2,24	3,09	2,11	1,97	0,97	0,48	0,23
Ind. Calçados	1,18	0,36	0,26	0,19	0,20	0,94	0,88	1,47	1,23	0,33	2,45	0,35	1,53	1,56	1,00	0,19	0,57	6,48
Ind. Alimentos	0,50	0,51	0,35	0,49	0,37	0,40	1,37	1,72	1,92	1,31	1,49	1,75	1,97	1,53	1,26	1,17	1,01	0,82
SIUP	1,75	1,68	1,75	0,43	0,20	0,30	0,83	0,93	0,78	0,03	0,10	0,13	0,12	0,22	0,36	0,03	0,26	0,35
Const. Civil	1,00	1,09	1,05	0,35	0,69	0,97	1,37	0,99	1,06	1,19	1,01	0,87	0,80	0,75	0,75	0,55	1,07	1,34
Comércio	0,77	0,87	0,88	1,18	1,05	1,30	1,46	1,33	1,14	1,21	1,08	1,06	1,16	1,05	1,06	0,97	0,95	1,04
Serviços	1,03	1,15	1,18	0,79	0,63	0,76	0,92	0,92	0,83	1,04	0,80	0,85	1,02	0,92	0,96	0,90	0,82	0,81
Adm. Púb.	1,21	1,23	1,23	0,91	1,13	1,12	0,78	0,82	0,78	0,92	0,83	0,89	0,76	0,70	0,75	0,64	0,75	0,81
Número de QLS > 1	11	12	10	4	7	6	5	5	6	6	7	6	6	8	9	7	7	9
Desvio padrão dos QLS	0,43	0,45	0,45	1,16	1,17	0,82	0,47	0,41	0,36	0,59	0,73	0,49	0,74	0,52	0,39	1,47	0,86	1,55
Média dos QLS	1,09	1,01	0,95	0,83	0,98	0,97	0,75	0,87	0,95	0,79	1,01	0,92	0,97	1,03	1,04	1,33	1,13	1,53

Fonte: Resultados da Pesquisa (2021).

A RGInt de Curitiba é a mais multiespecializada do Paraná, chegando em 2019 com 10 setores com $QL > 1$. Também é a RGInt com maior diversificação industrial do e com maior peso na oferta de serviços, o que é justificado pela sua posição de destaque na hierarquia urbana (Figura 1). Entretanto, o número de especialização diminuiu no período (de 12 em 2000 para 10 em 2019), e aumentou nas RGInt de Guarapuava, Cascavel, Londrina e Ponta Grossa. Esse comportamento reflete o crescimento da participação das RGInt do interior do Paraná e do fortalecimento e consolidação de suas atividades produtivas, que se diferenciam entre as regiões.

Um exemplo é a consolidação das RGInt de Cascavel, Maringá e Londrina no subsetor das Indústrias de Produtos Alimentícios, de Bebida e Alcool Etilico. São RGInt com cadeias produtivas que se fortaleceram nas últimas décadas, especialmente dos produtos como soja, carne de frango, milho, leite, carne suína, carne bovina e cana-de-açúcar, com encadeamentos produtivos e de grande difusão na agricultura, na indústria de transformação, nos serviços de transporte e no comércio do Paraná, conforme aponta Alves (2012) e Capello (2016). Nessas RGInt é importante destacar o papel das cooperativas agropecuárias como intermediadoras de todo o processo.

“O Paraná se diferencia das demais unidades de Federação por sediar cooperativas que rivalizam com as *tradings* na comercialização – interna e externa – das *commodities* e beneficiam localmente a produção de seus associados. A verticalização dos processos transformou as cooperativas em estruturas complexas que processam insumos como fertilizantes e sementes, armazenam e industrializam vasta gama de mercadorias e, frequentemente, distribuem por meios próprios. Essas entidades têm, ainda, ampliado sua capacidade de financiar e prover assistência técnica aos partícipes”. (IPARDES, 2019, p. 19-20)

Já nas RGInt de Guarapuava e Ponta Grossa destacam-se pela especialização, dentre outras, das Indústrias da Madeira e do Mobiliário, e das Indústrias do Papel, Papelão, Editorial e Gráfica. Conforme mencionado por IPARDES (2019, p. 20) dessas indústrias se destacam principalmente a fabricação de celulose, papel e produtos do papel, que possuem expressiva inserção internacional; e, outros produtos de origem florestal, como a fabricação de móveis e de placas de madeira, especialmente aquelas utilizadas na construção civil.

Um dos subsetores que a RGInt de Curitiba perde representatividade para as RGInt de Maringá e Londrina, tornando-se especializações em 2019 nessas RGInt, é o das Indústrias Química, de Prod. Farmacêuticos, Veterinários, de Perfumaria, Sabões, Velas e Mat. Plásticas. IparDES (2019, p. 20) destaca que a “transformação de defensivos agrícolas, desinfetantes, sabões, detergentes, produtos de limpeza, cosméticos, produtos de perfumaria e de higiene pessoal” são os principais produtos que fazem esse subsetor ganhar destaque a partir de 2000, incluindo a fabricação de produtos farmoquímicos e farmacêuticos.

Um maior detalhamento sobre o perfil regional do estado é apresentado pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social – IparDES, em suas publicações intituladas “Leituras Regionais” onde cada uma das 10 mesorregiões homogêneas é caracterizada com sua história e indicadores socioeconômicos diversos que mostram as suas transformações até o final do século XX (IPARDES, 2004). Essa publicação foi atualizada em IparDES (2017).

Conforme mencionado pela Tabela 1 a RGInt de Curitiba concentrava 43,49% de todo o emprego formal do Paraná e, segundo o Gráfico 1, aproximadamente 36,11% da população residente total, para além de localizar a maior cidade da rede urbana do estado, Curitiba (Figura 1). Assim, um exercício interessante é verificar como seriam

os resultados das especializações das RGInt Paranaenses sem a RGInt de Curitiba e considerando como região de referência também o Paraná sem a RGInt de Curitiba. A Tabela 3 apresenta esses resultados dos QLs.

Tabela 3 – QLs, por subsetores do IBGE, por regiões geográficas intermediárias do Paraná, excluindo a RGInt de Curitiba – 1985/2019

Setores Produtivos	RGInt de Guarapuava			RGInt de Cascavel			RGInt de Maringá			RGInt de Londrina			RGInt de Ponta Grossa		
	1985	2000	2019	1985	2000	2019	1985	2000	2019	1985	2000	2019	1985	2000	2019
Agropecuária	0,79	1,02	1,73	0,65	0,54	0,93	1,33	1,29	0,89	1,26	1,13	0,88	0,47	0,97	1,42
Ext. Minerais	0,40	1,62	1,13	0,32	0,42	0,84	0,24	0,39	0,64	0,48	1,06	1,04	5,19	3,03	2,05
Ind. Min. não Met.	0,37	1,53	1,82	1,11	1,06	1,03	0,81	1,01	0,93	1,10	0,83	0,90	1,10	1,08	1,02
Ind. Met.	0,25	0,53	0,57	0,93	0,91	0,95	1,02	0,98	0,95	0,77	1,13	1,06	1,88	1,06	1,25
Ind. Mec.	0,53	0,06	0,29	0,75	1,31	1,22	0,46	0,99	0,97	1,03	0,72	0,87	2,61	1,39	1,06
Ind. Elét. Comum.	0,34	0,25	0,05	0,55	0,37	0,67	0,29	0,87	1,01	2,42	1,47	1,58	0,07	1,64	0,89
Ind. Transporte	0,59	0,28	0,19	0,97	0,61	0,92	1,52	1,29	1,02	0,82	1,29	1,39	0,58	0,72	0,62
Ind. Madeira	3,09	2,62	1,86	1,46	0,94	0,67	0,47	0,47	0,63	0,57	0,76	1,12	1,53	2,25	2,07
Ind. Papel	4,04	4,31	2,30	0,25	0,59	0,44	0,25	0,47	0,42	0,40	0,52	0,57	4,40	2,89	4,11
Ind. Borracha	0,25	0,53	0,42	0,46	0,54	0,69	1,45	1,24	1,05	1,17	1,49	1,33	0,98	0,40	1,15
Ind. Química	0,55	0,85	0,61	0,25	0,60	0,85	0,65	0,67	1,09	0,97	1,67	1,25	3,33	0,92	0,79
Ind. Têxtil	0,06	0,02	0,27	0,14	0,68	0,88	0,99	1,55	1,41	1,98	1,23	1,24	0,62	0,28	0,15
Ind. Calçados	0,23	0,13	0,60	1,07	0,92	0,78	0,40	1,54	0,22	1,85	0,98	0,64	0,23	0,36	4,14
Ind. Alimentos	0,33	0,26	0,27	0,92	1,19	1,28	0,89	1,03	1,17	1,33	1,06	0,84	0,79	0,70	0,55
SIUP	1,55	0,55	0,71	2,98	2,51	1,84	0,09	0,27	0,31	0,45	0,60	0,84	0,09	0,69	0,83
Const. Civil	0,35	0,75	1,01	1,37	1,07	1,11	1,20	1,10	0,91	0,81	0,82	0,78	0,55	1,16	1,40
Comércio	0,96	0,94	1,19	1,19	1,19	1,04	0,99	0,97	0,97	0,95	0,94	0,97	0,79	0,86	0,95
Serviços	0,81	0,74	0,89	0,94	1,06	0,96	1,07	0,93	0,98	1,05	1,07	1,11	0,93	0,95	0,94
Adm. Púb.	1,14	1,42	1,37	0,98	1,03	0,95	1,16	1,05	1,09	0,95	0,89	0,92	0,80	0,95	0,99
Número de QLs > 1	4	6	8	6	8	6	7	9	7	9	10	9	7	8	10
Desvio padrão	1,03	1,04	0,66	0,63	0,48	0,29	0,44	0,36	0,30	0,53	0,30	0,26	1,45	0,78	1,07
Média dos QLs	0,88	0,97	0,91	0,91	0,92	0,95	0,80	0,95	0,88	1,07	1,03	1,02	1,42	1,17	1,39

Fonte: Resultados da Pesquisa (2021).

Como pode ser observado o total de especializações se altera considerando essa realidade do Paraná sem a RGInt de Curitiba. O interessante é que agora as RGInt de Ponta Grossa e Londrina passam a serem as mais multiespecializadas, especialmente no setor industrial. Na sequência vêm a RGInt de Guarapuava. Parece haver uma relação com a proximidade com a RGInt de Curitiba, pois as duas regiões mais distantes (Maringá e Cascavel) apresentaram menos especializações.

A despeito dessas diferenças alguns setores aparecem com alto QL também nesses resultados, o que reforça serem as principais especializações dessas regiões. Assim, comparando a Tabela 3 com os resultados da Tabela 2, os setores que se repetem como especializados são: na **RGInt de Guarapuava** a Agropecuária, Ind. Min. não Met., Ind. Madeira e Ind. Papel; na **RGInt de Cascavel** a Ind. Alimentos e os SIUP; na **RGInt de Maringá** a Ind. Química, Ind. Têxtil e Ind. Alimentos; na **RGInt de Londrina** a Ind. Met., Ind. Elét. Comum., Ind. Madeira, Ind. Borracha, Ind. Química e Ind. Têxtil; e, na **RGInt de Ponta Grossa** os setores da Agropecuária, Ext. Minerais, Ind. Met., Ind. Madeira, Ind. Papel, Ind. Borracha, Ind. Calçados e Const. Civil.

Dessa forma, percebe-se que no cálculo do QL, quando se altera a região de referência, os resultados também são diferentes, mas não totalmente. Naqueles setores

que na região, relativamente, forem os mais importantes em suas estruturas produtivas, mesmo com diferentes usos de regiões de referência no QL, tendem a aparecerem como especializações e reforçarem a importância dessas atividades em suas economias. Por isso, calcular o QL utilizando diferentes variáveis e com diferentes regiões de referência consolida as afirmações e as conclusões do estudo.

Da mesma forma, quando se calcula o QL para diferentes anos, tem-se resultados que reforçam as mudanças das estruturas produtivas regionais ao longo do tempo. No caso do Paraná, analisando de 1985 a 2019, ocorreram diferentes alterações, tanto nos subsetores industriais como no agropecuário. É nesse sentido, que o Quadro 2, mostra a reestruturação industrial do Paraná nesse período.

Quadro 2 – Participação percentual do emprego dos subsetores industriais no emprego total do setor industrial no Paraná – 1985/2019

1985		2000		2019	
1º.	Const. Civil 19,24%	1º.	Ind. Aliment.17,97% ↑	1º.	Ind. Aliment.27,81% ↑
2º.	Ind. Mad./Mob.....19,12%	2º.	Ind. Mad./Mob. 15,56% ↓	2º.	Const. Civil15,82% ↑
3º.	Ind. Aliment..... 14,87%	3º.	Const. Civil 14,69% ↓	3º.	Ind. Mad./Mob..... 8,12% ↓
4º.	Ind. Papel..... 6,56%	4º.	Ind. Têxtil 10,81% ↑	4º.	Ind. Têxtil 8,10% ↓
5º.	Ind. Química..... 6,35%	5º.	Ind. Química..... 6,25% ↓	5º.	Ind. Química..... 7,49% ↑
6º.	Ind. P. M. ã Met..... 5,27%	6º.	Ind. Papel..... 5,98% ↓	6º.	Ind. Mecânica 5,77% ↑
7º.	Ind. Têxtil..... 5,00%	7º.	Ind. Metalúrgica .. 5,07% ↑	7º.	Ind. Metalúrgica 5,03% ↓
8º.	SIUP 4,98%	8º.	Ind. Mat. Transp... 4,84% ↑	8º.	Ind. Mat. Transp..... 4,80% ↓
9º.	Ind. Mecânica 4,33%	9º.	Ind. Mecânica 4,48% ↑	9º.	Ind. Papel 4,55% ↓
10º.	Ind. Metalúrgica 3,77%	10º.	Ind. P. M. ã Met..... 4,12% ↓	10º.	SIUP 3,29% ↓
11º.	Ind. Borracha..... 3,67%	11º.	SIUP 3,76% ↓	11º.	Ind. P. M. ã Met 3,21% ↓
12º.	Ind. Elét./Com..... 3,04%	12º.	Ind. Elét./Com..... 2,63% ↓	12º.	Ind. Borracha 2,61% ↑
13º.	Ind. Mat. Transp..... 1,78%	13º.	Ind. Borracha..... 2,53% ↓	13º.	Ind. Elét./Com..... 2,32% ↓
14º.	Ext. Mineraiis 1,69%	14º.	Ext. Mineraiis 0,98% ↓	14º.	Ext. Mineraiis 0,68% ↓
15º.	Ind. Calçados 0,32%	15º.	Ind. Calçados 0,34% ↑	15º.	Ind. Calçados 0,38% ↑

Fonte: Resultados da Pesquisa, a partir de Ipardes (2021).

A diversificação e o aumento da participação e de especializações de subsetores da indústria de transformação no Paraná, em especial, das Indústrias de Produtos Alimentícios, de Bebida e Alcool Etílico; Indústrias da Madeira e do Mobiliário; das Indústrias do Papel, Papelão, Editorial e Gráfica; e de Prod. Farmacêuticos, Veterinários, de Perfumaria, Sabões, Velas e Mat. Plásticas são explicados, parcialmente, pelo crescimento e consolidação das especializações da agropecuária paranaense. Conforme mostrou a Tabela 2, somente a RGInt de Curitiba não apresentou o setor da Agropecuária como uma especialização. Nas demais regiões, esse setor é importante e se diferencia pelas diversas atividades agropecuárias existentes. Uma delas é a agricultura temporária que também se reestruturou ao longo do tempo no Paraná, conforme detalha o Quadro 3.

O Quadro 3 mostra a importância da atividade cafeeira para o Paraná em 1975 que passou da 1ª atividade mais importante para a 4ª já em 1985. Nesse ano, o trigo configurava como a principal do estado, sendo a soja e o milho na sequência. Após esse período observa-se uma predominância da soja e do milho que juntos passaram de 34,71% em 1985, para 57,11% em 2000 e 72,78% em 2020, mostrando uma tendência dessa dupla mono-especialização da agricultura temporária estadual.

Quadro 3 – Participação percentual das principais atividades da agricultura temporária no total do valor da produção da agricultura temporária no Paraná – 1975/2020

1975	1985	2000	2020
1º. Café 34,13	1º. Trigo..... 26,77 ↑	1º. Soja.....34,47 ↑	1º. Soja.....51,65 ↑
2º. Soja.....22,49	2º. Soja 19,49 ↓	2º. Milho.....22,64 ↑	2º. Milho.....21,13 ↓
3º. Milho 11,70	3º. Milho.....15,22 ↑	3º. Cana-de-açúc. 8,87 ↑	3º. Trigo..... 5,31 ↑
4º. Arroz 7,86	4º. Café 14,60 ↓	4º. Café..... 6,40 ↓	4º. Cana-de-açúcar 5,10 ↓
5º. Feijão 5,70	5º. Algodão 9,32 ↑	5º. Mandioca..... 5,97 ↑	5º. Feijão..... 3,59 ↓
6º. Algodão 4,44	6º. Feijão 3,52 ↓	6º. Feijão..... 3,73 ↑	6º. Fumo..... 2,56 ↑
7º. Trigo..... 3,73	7º. Cana-de-açúcar 3,41 ↑	7º. Trigo 2,55 ↓	7º. Mandioca 2,52 ↓
8º. Mandioca 3,16	8º. Mandioca 1,48 ↓	8º. Tangerina 2,22 ↑	8º. Batata-inglesa.. 1,62 ↓
9º. Batata-inglesa. 1,42	9º. Arroz..... 1,29 ↓	9º. Fumo..... 2,00 ↑	9º. Laranja 1,06 ↑
10º. Amendoim 0,99	10º. Batata-inglesa. 1,08 ↓	10º. Batata-inglesa 1,98 ↑	10º. Tomate 0,85 ↑
SOMA..... 95,62	SOMA96,18 ↑	SOMA90,83 ↓	SOMA95,39 ↑

Fonte: Resultados da Pesquisa a partir de IBGE (2021).

Em 2020 também se percebe o crescimento da participação do trigo (que ‘disputa’ espaço com o milho na safra de inverno), do fumo, da laranja e do tomate. Destaca-se ainda a perda de participação da cana-de-açúcar, importante cadeia produtiva do Norte do Paraná.

CONCLUSÕES

Este artigo analisou as especializações produtivas das Regiões Geográficas Intermediárias do Paraná entre 1985 e 2019, utilizando a medida de análise regional mais difundida na literatura, o Quociente Locacional. Os resultados apontaram para o fortalecimento de especializações já existentes em 1985 e para o surgimento de novas especializações e em novas regiões do Paraná.

A estrutura produtiva do Paraná, e de qualquer outra região, reflete além da sua geografia, a interação da sua população com o território e as escolhas produtivas que mudam e são moldadas ao longo do tempo. Em 1985 no Paraná passava pelos efeitos finais do ciclo produtivo da extração da madeira, tanto que a indústria da madeira e do mobiliário era a indústria de transformação que mais gerava emprego naquele ano; assim como a agricultura temporária do café em 1975. Em ambos, tanto para o setor industrial como da agricultura, os setores com maior participação relativa se alteraram após 1985, pois o perfil produtivo estadual se modificou e se consolidou, em decorrência das transformações da estrutura produtiva da economia nacional e da crescente demanda internacional por *commodities* agrícolas e agroindustriais.

O Paraná é parte importante da economia Brasileira. Da mesma forma, as suas Regiões Geográficas Intermediárias são todas integradas à economia estadual explorando as suas especificidades. As especializações regionais ressaltaram essas particularidades regionais como, dentre outras, a diversificação industrial da RGInt de Curitiba em setores da indústria de transformação de produtos duráveis (como a de produtos da Ind. de Transp., Ind. Química e Ind. Mec.); a consolidação da Ind. Alimentos e Ind. Têxtil nas RGInt de Cascavel, Maringá e Londrina; e, da Ind. Madeira e do Papel nas RGInt de Guarapuava e Ponta Grossa.

Essas especializações foram ressaltadas, inclusive, quando a região de referência foi alterada. Essa mudança da região de referência a qual o pesquisador quer comparar também é muito importante quando se pretende encontrar as especializações regionais. Essa é uma das limitações do próprio QL, pois o seu resultado varia demasiadamente conforme se altera a variável utilizada, as regionalizações e a própria região de influência. Mesmo assim, essa metodologia é capaz de demonstrar de forma satisfatória as mudanças que as regiões apresentaram ao longo do tempo, se mostrando bastante próxima da realidade para todas as regiões.

Seja para o uso em estudos exploratórios ou para a formulação de políticas públicas, esta metodologia é muito útil, mas precisa ser empregada com muito cuidado. Quanto mais forem estimados esses indicadores a partir de diferentes variáveis-base, com diferentes regiões de referência e com maior desagregação setorial e regional, melhores serão as conclusões. Encontrar as especializações das estruturas produtivas regionais é um dos primeiros passos para se conhecer e entender o próprio processo de desenvolvimento de uma região.

REFERÊNCIAS

- ALVES, L. R. Estrutura produtiva. *In*: GRIEBELER, M. P. D. (Org). **Dicionário de desenvolvimento regional e temas correlatos**: versão revisada e ampliada. 2 ed. Uruguaiana-RS: Editora Conceito, 2021.
- ALVES, L. R. Indicadores de localização, especialização e estruturação regional. *In*: (Orgs). PIACENTI, C. A.; FERRERA DE LIMA, J. **Análise regional**: metodologias e indicadores. F. Curitiba: Camões. 2012. 134 p.
- ALVES, L. R. **Urbanização e polarização das microrregiões paranaenses: 1970/2000**. 2005. 83 p. Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Campus de Toledo. Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2005.
- ALVES, L. R.; FERRERA DE LIMA, J.; RIPPEL, R.; PIACENTI, C. A. O continuum, a localização do emprego e a configuração espacial do oeste do Paraná. **Revista de História Econômica e Economia Regional Aplicada**. v. 1, n. 2, p. 24-46, 2006.
- ALVES, T. **Geografia dos serviços**. Lisboa-PT: CEG-ULisboa, 2005.
- BALDISSERA, H. C.; BEZERRA, F. M.; CERETTA, G. F.; CARLI, D. D. Especialização e concentração nos arranjos produtivos locais de TIC Paranaenses entre 2008 e 2016. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, v.40, n.137, p.47-62, 2019.
- BECHLIN, A. R.; MANTOVANI, G. G.; PIFFER, M.; SHIKIDA, P. F. A. Alterações na estrutura produtiva e no mercado de trabalho formal decorrentes da falência de uma agroindústria canvieira em Engenheiro Beltrão e Perobal (PR). **Informe GEPEC**, v. 24, n. 2, p. 249-274, 2020.
- BLAKELY, E. J.; LEIGH, N. G. **Planning local economic development: theory and practice**. 4 ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2010.
- BRITTO, J.; ALBUQUERQUE, E. M. Estrutura e dinamismo de clusters industriais na economia brasileira: uma análise exploratória a partir dos dados da RAIS. *In*: TIRONI, L. F. **Industrialização descentralizada**: sistemas industriais locais. Brasília: IPEA, 2001.
- CAPELLO, R. **Regional economics**. 2 ed. Oxon-UK: Routledge, 2016.
- CASTRO, G. H. L.; LEOCÁDIO, A. L. M.; RIBEIRO, M. R.; TELLES, T. S. Organização espaço-temporal da produção do café no Paraná. **Informe GEPEC**, v. 25, p. 109-132, 2021.

COLLA, C.; RIPPEL, R.; FERRERA DE LIMA, J.; ALVES, L. R. Reestruturação da distribuição populacional e econômica do oeste do Paraná, rebatimentos empregatícios e migratórios. **Informe GEPEC**, v. 15, n. 3, p. 203-221, 2011.

DELGADO, A. P.; GODINHO, I. M. Medidas de localização das actividades e de especialização regional. *In*: COSTA, J. S.; DENTINHO, T. P.; NIJKAMP, P. **Compêndio de economia regional: métodos e técnicas de análise regional**. Volume II. Cascais-PT: Princípia, 2011.

DIEHL, A. A. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

FERRERA DE LIMA, J.; ALVES, L. R.; PIFFER, M.; PIACENTI, C. A. Análise regional das mesorregiões do estado do Paraná no final do século XX. **Revista Análise Econômica**, Porto Alegre, v. 24, n. 46, p. 7-26, 2006.

FERRERA DE LIMA, J.; ALVES, L. R.; SKOWRONSKI, E. R. O perfil econômico-estrutural dos municípios da bacia hidrográfica do Rio São Francisco no Oeste do Paraná. **Informe Gepec**, v. 10, n. 01, p. 93-113, 2006.

FERRERA DE LIMA, J.; PIACENTI, C. A.; ALVES, L. R.; PIFFER, M. Análise regional das mesorregiões paranaenses no período de 1980 a 2000. *In*: II Jornada Científica da Unioeste, 2003, Toledo-PR. **Anais...** Cascavel: Unioeste, 2003.

FERRERA DE LIMA, J.; PIACENTI, C. A.; ALVES, L. R.; PIFFER, M.; STAMM, C. A. dinâmica dos estados da região Sul do Brasil. *In*: 2º Encontro Brasileiro de Estudos Regionais e Urbanos (ABER), 2002, **Anais...** São Paulo, 2002. v. 02. CDROM.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES JR., C. A.; ALVES, L. R.; FERRERA DE LIMA, J.; PARRÉ, J. L. Análise diferencial/estrutural e fatorial do emprego nas microrregiões paranaenses entre 2005 e 2009. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, n.118, p.41-66, 2010.

HADDAD, P. R.; FERREIRA, C. M. C.; BOISIER, S.; ANDRADE, T. A. **Economia regional: teorias e métodos de análise**. Fortaleza: ETENE-BNB, 1989.

HOOVER, E. M. The Measurement of Industrial Localization. **Review of Economics and Statistics**, v. 18, n. 4, p. 162-171. 1936

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDR**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/pt/inicio.html>> Acesso em: 5 ago. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Regiões de influência das cidades**: 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. 192 p. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas/15798-regioes-de-influencia-das-cidades.html?=&t=publicacoes>> Acesso em: 06 out. 2021.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL – IPARDES. **Base de Dados do Estado - BDEweb**. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/imp/index.php>> Acesso em: 27 jul. 2021.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL – IPARDES. **Paraná em perspectiva**. Curitiba: IPARDES, 2019.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL – IPARDES. **Os vários Paranás**: as espacialidades socioeconômico-institucionais no período 2003-2015. Curitiba: IPARDES, 2017. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/Pagina/Edicao-2017>> Acesso em: 12 out. 2021.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL – IPARDES. **Identificação e mapeamento das aglomerações produtivas do Paraná**: atualização 2008. Curitiba: IPARDES, 2009.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL – IPARDES. **Identificação, caracterização, construção de tipologia e apoio na formulação de políticas para os arranjos produtivos locais (APLS) do Estado do Paraná**: etapa 1 – Identificação, mapeamento e construção da tipologia das aglomerações produtivas. Curitiba: IPARDES, 2005.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL – IPARDES. **Leituras regionais**. 2004. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/Pagina/Relatorios-de-Pesquisa-2004>> Acesso em: 12 out. 2021.

ISARD, W. **Methods of regional analysis**. Cambridge: MIT Press, 1960.

LOURENÇO, M. Economia Paranaense: rótulos históricos e encaixe recente na dinâmica brasileira. **Revista Análise Conjuntural**, Curitiba, v. 27, n. 11-12, 2005.

NORTH, D. C. Teoria da localização e crescimento econômico regional. *In*: SCHWARTZMANN, J. (Org). **Economia regional e urbana**: textos escolhidos. Belo Horizonte: UFMG, p.333- 343, 1977.

PAIVA, C. Á. N. **Fundamentos da análise e do planejamento de economias regionais**. Foz do Iguaçu: Editora Parque Itaipu, 2013.

PAIVA, C. Á. N. Desenvolvimento regional, especialização e suas medidas. **Indic. Econ. FEE**, Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 89-102, jul. 2006.

PAIVA, C. Á. N.; ROCHA, Allan Lemos. Quociente Locacional. *In*: GRIEBELER, M. P. D. (Org). **Dicionário de desenvolvimento regional e temas correlatos**: versão revisada e ampliada. 2 ed. Uruguaiana-RS: Editora Conceito, 2021.

PIFFER, M.; ALVES, L. R.; AREND, S. C. O desenvolvimento regional paranaense com ênfase na agropecuária e nas indústrias de transformação entre 1970 e 2000. *In*: XX Semana de Economia Brasileira, II Simpósio de Desenvolvimento Regional e Agronegócio e I Simpósio de Direito e Economia do Paraná, **Anais...** Toledo, 2010.

PIFFER, M.; AREND, S. C. A agropecuária e as indústrias tradicionais no desenvolvimento regional paranaense no período de 1970 a 2000. **Informe GEPEC**, v. 13, n. 1, p. 107–122, 2009.

POLÈSE, M. **Economia urbana e regional: lógica espacial das transformações económicas**. Coimbra-PT: APDR, 1998.

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS – RAIS. **Vínculos de empregos**. Disponível em: <<https://bi.mte.gov.br/bgcaged/>> Acesso em: 27 jun. 2021.

SIMÕES, R. F. **Métodos de análise regional e urbana: diagnóstico aplicado ao planejamento**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2005. (Texto para Discussão, n. 259).

SUZIGAN, W.; FURTADO, J.; GARCIA, R.; SAMPAIO, S. E. K. Aglomerações industriais no Estado de São Paulo. **Economia Aplicada**, v. 5, n. 4, p. 698-717, 2003.

WILLERS, E. M. **Estratégia de desenvolvimento econômico local: o caso do Município de Terra Roxa – PR**. 191 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2006.

Submetido em 18/10/2021.

Aprovado em 20/05/2022.